

Rudolf Steiner

A educação da CRIANÇA

segundo a Ciência Espiritual

Tradução de
Rudolf Lanz

O conteúdo destas considerações foi apresentado por mim sob forma de palestra proferida em vários lugares da Alemanha. Tendo-se expressado de muitos lados o desejo de vê-lo publicado, apresento-o aqui refundido como trabalho escrito.

Rudolf Steiner
1907

A vida atual coloca em questão muito do que o homem herdou de seus antepassados. É por isso que surgem tantos ‘problemas modernos’ e ‘exigências da época’. Que tipo de ‘problemas’ perturbam o mundo hoje? A questão social, a questão do feminismo, problemas educacionais e escolares, problemas relacionados ao direito, à saúde, etc. Pelos mais diversos meios procuram-se soluções para estes problemas, sendo incalculável o número dos que afirmam terem esta ou aquela ‘fórmula’ para resolver este ou aquele ou, pelo menos, contribuir com algo para sua solução. E nessa situação fazem-se valer todos os matizes possíveis do comportamento humano: o radicalismo, que toma ares revolucionários; as tendências moderadas, com respeito pelo existente, querendo desenvolver o novo; e o conservadorismo, que logo se agita quando se toca em antigas instituições ou tradições. E ao lado dessas atitudes principais existem inúmeras intermediárias.

Quem analisar mais profundamente a situação não poderá abster-se, perante todos esses fenômenos, do sentimento de que nossa época possui apenas meios inadequados para enfrentar as exigências feitas ao homem moderno. Muitos querem reformar a vida sem conhecer realmente seus princípios básicos. Quem quiser fazer sugestões para que algo aconteça no futuro não poderá dar-se por satisfeito com um conhecimento superficial da vida; deverá, antes, pesquisá-la em profundidade.

A existência toda é como uma planta, não abrangendo apenas o que se apresenta à vista, mas contendo em seu âmago um estado futuro. Quem vê uma planta apresentando apenas folhas sabe perfeitamente que ela terá, dentro de algum tempo, flores e frutos; contudo, a planta já possui, de maneira invisível, a disposição para essas flores e frutos. Mas como poderia opinar sobre o aspecto desses órgãos alguém que se limitasse a estudar na planta apenas o que ela apresenta ao olhar do observador no momento presente? Só poderá fazê-lo quem conhece sua natureza íntima.

De maneira análoga, a vida humana inteira contém as disposições para seu futuro. Contudo, para se poder dizer algo a respeito desse futuro é preciso penetrar na natureza oculta do ser humano. Nossa época carece da inclinação correta para isso, pois se dedica antes ao que se manifesta na superfície, acreditando vir a entrar em âmbito incerto se avançar até o que se furta à observação exterior. E verdade que a coisa é mais fácil no caso da planta, pois todos sabem que esta já muitas vezes teve frutos. A vida humana só existe uma vez, e suas flores futuras nunca tiveram existência anterior. Não obstante, estas preexistem no homem como disposição, como é o caso das flores numa planta que momentaneamente só carrega folhas.

Existe uma possibilidade de se saber algo acerca desse futuro, desde que o observador atravessasse a superfície do ser humano e chegue ao seu cerne. As inúmeras idéias reformistas do presente só se tornarão práticas e fecundas quando baseadas em tal análise mais profunda da vida humana.

Por sua própria natureza, a Ciência Espiritual deve ter por tarefa oferecer uma cosmovisão prática, que abranja a essência da vida humana. Não se trata de determinar se existe justificativa para muitos movimentos que hoje em dia levam essa denominação. Trata-se da essência da Ciência Espiritual e do que esta *pode* ser segundo essa essência. Ela não deve ser uma teoria indefinida destinada a satisfazer a mera curiosidade cognitiva, nem um meio reservado a uns poucos que, egoisticamente, almejem *para si próprios* um grau superior de evolução. A Ciência Espiritual pode contribuir para a solução das mais importantes tarefas da humanidade atual e para o desenvolvimento de seu bem-estar.¹

Contudo, ao assumir tal missão a Ciência Espiritual deverá contar com o fato de vir a sofrer muitas críticas e dúvidas por parte de radicais, moderados e conservadores em todos os domínios da vida social. Com efeito, não poderá dar satisfação a qualquer partido, pois suas premissas transcendem qualquer partidarismo.

Essas premissas são exclusivamente baseadas num autêntico conhecimento da vida. Quem conhece a vida só se proporá tarefas que nasçam dela. Não estabelecerá programas arbitrários, pois sabe que as leis fundamentais da vida não serão, no futuro, diferentes destas do presente. A pesquisa espiritual não deixará, portanto, de respeitar o que existe. Seja qual for a necessidade de reformas, procurará encontrar, no que atualmente existe, os germes para o futuro. Mas sabe também que todo vir-a-ser contém um crescimento e uma evolução. Por isso se lhe manifestarão, no que existe atualmente, os germes para uma transformação, para um crescimento. A Ciência Espiritual não *inventa* programas, mas os deduz do que existe. Porém as conclusões assim resultantes constituem, em certo sentido, um programa em si, pois contêm a natureza da evolução.

E justamente por este motivo que o aprofundamento científico-espiritual na natureza do homem deve fortalecer os mais frutíferos e práticos meios para a solução das questões existenciais prementes da atualidade.

Isto será demonstrado aqui quanto à *questão educacional*. Não serão formuladas exigências nem programas - será simplesmente descrita a *natureza da criança*. Da natureza do homem em desenvolvimento surgirão, como que por si mesmos, os princípios para a educação.

Quem quiser conhecer a essência do homem *em desenvolvimento* deverá partir de uma

observação da natureza *oculta* do ser humano em geral.

O que a observação sensorial descobre no homem, e a concepção materialista considera o único aspecto válido em sua natureza, constitui para a pesquisa espiritual apenas uma parte, um membro da entidade humana, ou seja, seu *corpo físico*. Este está sujeito às mesmas leis da vida física, compondo-se das mesmas substâncias e forças que formam o resto do mundo chamado inorgânico. A Ciência Espiritual diz, portanto: o homem possui esse corpo físico em comum com todo o chamado reino mineral; e denomina corpo físico no homem apenas o que produz a mistura, a combinação, a estrutura e a dissolução das mesmas substâncias, segundo as mesmas leis atuantes no mundo mineral.

Acima desse corpo físico, a Ciência Espiritual reconhece ainda uma segunda entidade no homem: o corpo vital ou etérico. Que os físicos não estranhem a denominação 'corpo etérico'. 'Éter' significa aqui algo diferente do éter hipotético da Física. Tome-se o termo simplesmente como denominação para o que será descrito a seguir.

Falar em tal 'corpo etérico' foi considerado, há algum tempo, indício de uma mentalidade altamente desprovida de espírito científico. Entretanto, isso não ocorria no fim do século XVIII e na primeira metade do século XIX. Nessa época se dizia não ser possível que as substâncias e forças atuantes num mineral pudessem transformá-lo espontaneamente num ser vivo. Este deveria conter uma 'força' especial chamada 'força vital'. Era opinião corrente que tal força atua na planta, no animal e no corpo do homem, provocando as manifestações da vida da mesma forma como a força magnética provoca a atração no ímã. A época subsequente, a do materialismo, afastou tais idéias. Os cientistas passaram a dizer que um ser vivo se estrutura exatamente como o faz um ser dito inanimado; que as forças reinantes no organismo são as mesmas que atuam no mineral - apenas de maneira mais complicada, pois formam uma estrutura complexa. Atualmente, só os materialistas mais obstinados persistem na negação desta 'força vital'. Os fatos ensinaram a muitos cientistas que se deve admitir algo como uma força ou princípio vital.

A ciência moderna aproxima-se, assim, do que a Ciência Espiritual afirma a respeito do corpo vital. Contudo, há entre ambas uma considerável diferença. A ciência atual chega a postular uma espécie de força vital mediante um raciocínio baseado em fatos constatados pela observação sensorial. Este, porém, não é o caminho para uma genuína pesquisa, ponto de partida da Ciência Espiritual e origem dos resultados que esta divulga.

Nunca se insistirá o bastante sobre essa diferença entre a Ciência Espiritual e a ciência corrente em nossa época. Esta última considera a experiência sensorial como base de todo conhecimento, julgando incognoscível tudo o que não se fundamente em tal base. Ela tira suas conclusões e deduções das impressões sensoriais, declinando tudo o que estas transcendem, sob a alegação de que ultrapassaria os limites do conhecimento humano. Para a Ciência Espiritual, semelhante atitude se iguala à de um cego que só quisesse admitir o que pudesse ser apalpado ou deduzido logicamente de sensações táteis, rejeitando como transcendentem à capacidade cognitiva humana os relatos de um indivíduo dotado de visão. Com efeito, a Ciência Espiritual mostra que o homem é suscetível de evoluir e adquirir o conhecimento de novos mundos pelo desenvolvimento de novos órgãos. Assim como o cego, embora se encontre no meio de cores e de luz, não as pode perceber por falta de um órgão adequado, a Ciência Espiritual ensina que existem muitos mundos ao redor do homem, e que este poderá percebê-los se, para tal, desenvolver os órgãos necessários. Tal como o cego vislumbra um novo mundo depois de operado, o homem pode conhecer, pelo desenvolvimento de órgãos superiores, mundos bem diferentes do que lhe revelam os sentidos comuns. É da condição dos órgãos de um cego que depende a possibilidade de uma operação; porém os órgãos que permitem ao homem penetrar em mundos superiores existem de forma rudimentar em qualquer ser humano. Poderá desenvolvê-los toda pessoa que possua paciência, perseverança e energia para aplicar em si mesma os métodos descritos em meus artigos da série *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)*.² Assim, a Ciência Espiritual não fala de limites cognitivos impostos ao homem por sua constituição; diz, antes, que para o ser humano existem aqueles mundos para cuja percepção ele possui os órgãos apropriados.

Portanto, é essa a sua atitude também em relação à investigação do corpo vital ou etérico, e de tudo o que ainda será exposto neste livro a respeito de membros superiores da natureza humana. A Ciência Espiritual reconhece que a pesquisa feita pelos sentidos físicos só pode alcançar o corpo físico, e que tal pesquisa pode, no máximo, admitir a existência de outro, superior, por meio de conclusões. Mas informa como abrir acesso a um mundo em que os membros superiores da entidade humana se manifestam da mesma forma como as cores e a luminosidade dos objetos ao cego nato recém-operado. Para os que desenvolverem seus órgãos superiores de percepção, o corpo etérico ou vital é um objeto de observação, e não apenas de raciocínio e conclusão.

Esse corpo etérico ou vital o homem tem em comum com as plantas e os animais. Graças à sua atuação, as substâncias e forças do corpo físico redundam nos fenômenos do crescimento, da reprodução, do fluxo dos humores, etc. O corpo etérico é, pois, construtor e piasmador do corpo físico, é seu habitante e arquiteto. Por isso é lícito considerar o corpo físico uma imagem ou

expressão do corpo vital. Ambos apresentam, no homem, tamanho e forma aproximados – nunca exatamente iguais –, enquanto nos animais e, mais ainda, nas plantas, o corpo etérico se diferencia consideravelmente do físico quanto a forma e dimensão.

O terceiro membro da entidade humana é o chamado corpo das sensações ou astral: é o portador de dores e prazeres, instintos, apetites, paixões, etc. Um ser composto só dos corpos físico e etérico não possui essas manifestações psíquicas que poderíamos reunir sob o termo ‘sensibilidade’. A planta não a possui. Se, do fato de certas plantas responderem por movimentos ou de outra maneira a impulsos exteriores, alguns cientistas concluíssem que as plantas possuem uma certa capacidade sensível, isso apenas revelaria sua ignorância quanto à essência da sensação. O que importa não é a resposta dada a uma excitação exterior, e sim sua reflexão por meio de um processo interior, como alegria ou dor, instinto, cobiça, etc. Não fora assim, poder-se-ia dizer, com razão, que o papel de tornassol azul teria uma sensibilidade para certas substâncias, motivo pelo qual sua cor passa a vermelho em contato com elas.³

O corpo das sensações, veículo da vida sentimental, o homem a compartilha apenas com os animais.

Não se deve incorrer no erro de certos círculos teosóficos, imaginando serem os corpos etérico e astral compostos meramente por substâncias mais sutis do que as existentes no corpo físico. Isso significaria materializar esses membros superiores da natureza humana. O corpo etérico é uma estrutura energética composta de forças atuantes, e não de matéria; o corpo astral ou das sensações é uma formação constituída por imagens dinâmicas, coloridas e luminosas.⁴

Diferente do corpo físico pela forma e pelo tamanho, o corpo astral apresenta no homem a forma de um ovo alongado, contendo os corpos físico e etérico e ultrapassando-os, de todos os lados, como uma formação luminosa.

O homem possui ainda um quarto membro de sua entidade, o qual ele não compartilha com qualquer ser terrestre. Trata-se do portador do ‘eu’ humano. A palavrinha ‘eu’, tal como é usada na língua alemã*, é um nome diferente de todos os outros. Quem se põe a refletir de maneira correta sobre esse nome abre a via de acesso à natureza humana. Qualquer outro nome pode ser empregado por todos os homens para designar o objeto que lhe corresponde. Qualquer indivíduo pode chamar a mesa de ‘mesa’, a cadeira de ‘cadeira’. Tal não é o caso do nome ‘eu’. Ninguém pode usá-lo para designar outrem. Cada um pode chamar ‘eu’ somente a si mesmo. Nunca a palavra ‘eu’ pode chegar ao meu ouvido para designar a mim. Ao designar-se como eu o homem dá, em seu íntimo, um nome a si próprio. Um ente capaz de dizer ‘eu’ de si próprio constitui um mundo por si. Isso foi sempre sentido pelas religiões baseadas na Ciência Espiritual. Por isso elas diziam o seguinte: com o ‘eu’, a divindade que se manifesta em seres inferiores, nos fenômenos do mundo exterior, começa a falar no âmago do homem. O veículo dessa qualidade é o corpo do eu^a, o quarto membro da entidade humana.⁵

Esse ‘corpo do eu’ é o portador da alma humana superior. Graças a ele, o homem é o coroamento da Criação terrestre. Contudo, no homem atual o eu não é, de maneira alguma, uma entidade simples. Pode-se reconhecer sua natureza comparando indivíduos que se encontrem em vários níveis de desenvolvimento. Basta considerar um selvagem inculto e um cidadão médio europeu, comparando este, por sua vez, com um idealista muito evoluído. Todos eles têm capacidade para dizer ‘eu’ de si próprios, já que o ‘corpo do eu’ existe em todos. Mas o selvagem segue suas paixões, seus desejos e instintos quase como um animal; o homem mais evoluído decide, diante de determinadas inclinações e cobiças, ceder a algumas, recalcando e reprimindo outras. O idealista acrescentou às paixões e inclinações originais outras mais elevadas. Tudo isso se deu por uma atuação do eu sobre os demais membros da entidade humana. Com efeito, a tarefa do eu é purificar e aperfeiçoar esses outros membros.

Assim, na pessoa que se elevou acima do estado onde o mundo exterior a colocou, os membros inferiores são, sob a influência do eu, ora mais, ora menos transformados. No momento em que o homem se eleva pela primeira vez acima do estado animal graças à primeira manifestação do eu, ele ainda se assemelha ao animal quanto aos membros inferiores. Seu corpo etérico ou vital é apenas o instrumento das forças formadoras vitais, do crescimento e da reprodução. Seu corpo astral limita-se a exprimir os impulsos, apetites e paixões solicitados pela natureza exterior. Enquanto o homem, a partir desse nível evolutivo, atravessa as vidas ou encarnações consecutivas ascendendo a um desenvolvimento sempre mais elevado, o eu transforma os demais membros. O corpo das sensações passa a ser o veículo de sentimentos sutis de prazer e desprazer, de desejos e apetites mais refinados. Também o corpo etérico ou vital se transforma, tornando-se suporte dos hábitos, das inclinações duradouras, do temperamento e da memória. Um indivíduo cujo eu ainda não chegou a plasmar seu corpo vital não tem lembrança alguma das experiências que fez. Dá livre curso à sua vitalidade tal como a natureza a implantou nele.

Toda evolução da cultura exprime-se em tal efeito do eu humano sobre os membros inferiores.

a Designado normalmente pelo Autor como eu. (N.T.)

Essa atuação atinge até o corpo físico: sob a influência do eu transformam-se a fisionomia, os gestos e movimentos – enfim, todo o aspecto do corpo físico.

Pode-se também distinguir como os diversos meios de cultura e educação atuam diferentemente sobre os membros da entidade humana. Os fatores culturais comuns atuam sobre o corpo das sensações, trazendo-lhe tipos de prazer e desprazer, de impulsos, etc. diferentes dos que ele inicialmente possuía. A contemplação de obras de arte atua sobre o corpo etérico, pois o homem o transforma quando se lhe revela, por intermédio da obra de arte, algo superior e mais nobre do que o proporcionado pelo ambiente sensório. Outro meio potente para purificar e aperfeiçoar o corpo etérico é a religião, cujos impulsos têm, portanto, uma missão grandiosa na evolução da humanidade.

O que se denomina consciência^a nada mais é senão o resultado da atuação do eu sobre o corpo etérico através de uma série de encarnações. A consciência nasce quando o homem se convence de não dever cometer este ou aquele ato, recebendo desse entendimento uma impressão tão forte que a transmite até ao corpo etérico.

Essa atuação do eu sobre os membros inferiores pode ser ou mais própria de todo o gênero humano ou totalmente individual, constituindo um desempenho do eu particular sobre si próprio. Toda a espécie humana colabora, de certa forma, numa transformação do primeiro tipo, enquanto a segunda repousa na atividade individual do eu. Quando o eu adquire bastante força para, apenas por seu próprio vigor, transformar o corpo das sensações ou astral, o resultado dessa atuação é chamado ‘personalidade espiritual’ (ou, na terminologia oriental, *manas*). Tal transformação consiste essencialmente num aprendizado, num enriquecimento da alma com idéias e conceitos mais elevados.

Em sua atuação íntima sobre a natureza humana, o eu pode atingir um grau ainda mais elevado. Isso se dá quando a transformação não atinge apenas o corpo astral. Em sua vida, o homem aprende muitas coisas; e em qualquer ocasião em que contemplar sua vida passada, saberá que aprendeu muito; mas só em escala muito menor poderá falar de uma transformação do temperamento, do caráter, de um aperfeiçoamento ou de uma deterioração da memória, ocorridos durante sua vida. Aprender é uma faculdade do corpo astral; as transformações ora mencionadas, porém, referem-se ao corpo etérico ou vital. Usando uma imagem assaz persuasiva podemos, pois, comparar as transformações do corpo astral durante uma vida humana com o andamento do ponteiro grande de um relógio, enquanto as do corpo etérico corresponderiam ao movimento do ponteiro pequeno, que indica horas.

Quando o homem se submete a um treino superior ou a uma educação denominada oculta, cabe-lhe obter essa última transformação com as forças mais genuínas do eu. Ele deve trabalhar nessa transformação de hábitos, temperamento, caráter, memória, etc. com um esforço consciente e individual. A medida que remodela o corpo etérico ele o transforma, segundo a terminologia da Ciência Espiritual, em ‘espírito vital’ (ou *buddhi*, segundo a nomenclatura oriental).

Num nível ainda *mais* elevado, o homem consegue adquirir forças mediante as quais pode atuar plasmadoramente em seu corpo físico (por exemplo, modificar a circulação do sangue, do pulso). Chama-se ‘homem-espírito’ (na terminologia indiana, *atma*) o que, do corpo físico, foi transformado dessa maneira.

As transformações que o homem realiza em seus membros inferiores mais no sentido de toda a espécie humana ou de uma parte da mesma, como um povo, uma tribo ou uma família têm, na Ciência Espiritual, as seguintes designações: o corpo astral transformado pelo eu chama-se *alma da sensação*; o corpo etérico transformado, *alma do intelecto*; e o corpo físico transformado, *alma da consciência*. Não se deve imaginar que a transformação desses três membros se realize sucessivamente. A partir do primeiro refulgir do eu, ela se efetua simultaneamente nos três corpos; e o homem não pode observar nitidamente a atuação do eu antes que se tenha formado uma parte da alma da consciência.

Do que precede, vê-se que é possível falar em quatro membros da entidade humana: corpo físico, corpo etérico ou vital, corpo astral ou das sensações e corpo do eu. As almas da sensação, do intelecto e da consciência e os membros ainda superiores da natureza humana, isto é, a ‘personalidade espiritual’, o ‘espírito vital’ e o ‘homem-espírito’, aparecem como resultado da transformação operada naqueles quatro membros. Com efeito - quando se fala nos portadores das diversas qualidades do ser humano, só entram em consideração aqueles membros.

Como educadores, atuamos sobre esses quatro membros do ente humano. Para podermos agir com acerto, precisamos investigar a natureza dessas partes do homem. Contudo, não devemos absolutamente imaginar que essas partes se desenvolvam de forma a estarem igualmente aperfeiçoadas em qualquer fase da vida - por exemplo, no momento do nascimento. Sua evolução apresenta-se, antes, de maneira diversificada nas várias épocas da vida. E o conhecimento dessas leis evolutivas da natureza humana constitui o fundamento apropriado para a educação e o ensino.

a No sentido de escrúpulo. (N.T.)

corretamente os órgãos.

Duas palavras mágicas caracterizam a maneira como a criança se relaciona com o mundo: *imitação* e *exemplo*. O filósofo grego Aristóteles denominou o homem como o animal mais propenso a imitar; essa verdade vale para a idade infantil, até os sete anos, mais do que para qualquer outra. O que acontece no ambiente físico a criança imita, e essa imitação confere aos órgãos físicos suas formas definitivas. Devemos considerar o ambiente físico em sua acepção mais ampla, incluindo nele não apenas o que se passa materialmente ao redor da criança, mas tudo o que ocorre, o que seus sentidos percebem - o que, a partir do espaço físico, é suscetível de agir sobre as forças espirituais. Isso inclui todas as ações morais e imorais, inteligentes e tolas que a criança possa perceber.

Não são, pois, as sentenças morais nem os ensinamentos da razão que atuam nesse sentido sobre a criança, mas apenas o que os adultos fazem em sua redondeza de maneira visível. Preceitos desse tipo têm efeito plasmador, não sobre o corpo físico, mas sobre o etérico; porém este, até a idade dos sete anos, tem o envoltório etérico protetor da mãe exatamente como, fisicamente falando, o corpo físico é protegido antes do nascimento pelo envoltório materno. O que deve desenvolver-se nesse corpo etérico antes do sétimo ano, quanto a representações, hábitos, memória, etc. deve fazê-lo 'espontaneamente', tal como o fazem os olhos e as orelhas no ventre da mãe sem que haja intervenção da luz exterior... Não há dúvida sobre o acerto do que se pode ler em *Levana* ou *Erziehlehre* [Teoria educacional] de Jean Paul^a, excelente livro pedagógico: um viajante aprende mais de sua ama durante o primeiro ano de vida do que em todas as viagens ao redor do mundo. Só que a criança não aprende por instrução, mas por imitação. E seus órgãos físicos adquirem forma pela influência do ambiente físico. A visão se desenvolve sadiamente quando existem no ambiente da criança fenômenos apropriados de luz e cor; no cérebro e na circulação sanguínea se formam as disposições para um sentido moral sadio, desde que a criança perceba em seu ambiente fatos morais. Se antes da idade de sete anos a criança vê ao seu redor apenas atitudes tolas, o cérebro adquire formas tais que a capacitam apenas para tolices na vida posterior.

Assim como os músculos da mão se tornam fortes e vigorosos quando exercem atividades apropriadas, o cérebro e os demais órgãos do corpo humano seguem o rumo certo quando recebem do ambiente os impulsos adequados. Um exemplo ilustrará melhor o que queremos dizer. Pode-se fazer para uma criança uma boneca com um guardanapo dobrado: duas pontas serão os braços, as outras duas as pernas, um nó servirá para a cabeça - onde algumas manchas de tinta indicam os olhos, o nariz e a boca. Também se pode comprar uma 'linda' boneca, com cabelos genuínos e bochechas pintadas, e dá-la à criança. Nem queremos insistir no aspecto horrível desta boneca, perfeitamente capaz de estragar para sempre o sentido estético sadio. Com efeito, o problema educacional mais importante é outro. Tendo à sua frente o guardanapo dobrado, a criança deve, por meio de sua fantasia, acrescentar algo que o transforme em figura humana. Essa atividade da fantasia tem efeito plasmador sobre as formas do cérebro. Este se 'abre' da mesma maneira como os músculos da mão se deixam permear por uma atividade conveniente. Se a criança ganha a chamada 'linda boneca', nada resta ao cérebro para fazer, e ele se atrofia e resseca em vez de desabrochar. Se os homens pudessem olhar, como pode fazê-lo o pesquisador espiritual, para dentro do cérebro empenhado em estruturar suas próprias formas, com toda a certeza só dariam a seus filhos brinquedos suscetíveis de avivar as forças plasmadoras do cérebro. Todos os brinquedos que possuem apenas formas mortas e matemáticas ressecam e destroem as forças plasmadoras da criança, enquanto tudo o que suscita a idéia da vida atua de maneira sadia. Nossa época materialista produz poucos bons brinquedos. Veja-se como é saudável aquele brinquedo que, mediante dois pedaços de madeira deslocáveis, mostra dois ferreiros virados um contra o outro, martelando um objeto. Ainda se podem comprar tais artigos no campo. Ótimos, também, são os livros ilustrados com figuras móveis: puxando os fios fixados nessas figuras, a criança transforma a ilustração morta em imagem animada de ações. Tudo isso provoca a atividade íntima dos órgãos, a partir da qual se constroem as formas corretas para eles.

A tais assuntos só se pode aqui, naturalmente, fazer breve alusão, mas futuramente a Ciência Espiritual será chamada a detalhar todas as informações necessárias. Para isso ela está perfeitamente preparada, pois não consiste numa abstração vazia, e sim na soma de fatos cheios de vida, aptos a fornecer uma orientação para a realidade.

Seja-nos permitido acrescentar apenas mais alguns exemplos. De acordo com a Ciência Espiritual, uma criança nervosa e irrequieta e outra letárgica e fleumática devem receber tratamentos diferentes, a começar pelo ambiente em que vivem. A esse respeito tudo é importante, desde as cores do quarto e dos objetos que normalmente rodeiam a criança até as cores das roupas com as quais ela é vestida. Quando não se segue a orientação da Ciência Espiritual, freqüentemente se faz o contrário, pois os conceitos materialistas conduzem, em muitos casos, a soluções incorretas. Uma criança excitada deve ser rodeada e vestida de cores amarelas e ver-

a Pseudônimo do escritor alemão Johann Paul Friedrich Richter (1763– 1825). (N.E.)

melhas; no caso de uma criança impassível, convém recorrer a tonalidades azuis e esverdeadas. O que importa é a cor complementar produzida interiormente. No caso do vermelho, será a cor verde; no do azul, a alaranjada - como facilmente constatamos ao olhar durante algum tempo para uma superfície colorida nessas cores e depois fixar o olhar rapidamente numa superfície branca. Essa cor complementar é produzida pelos órgãos físicos da criança e provoca as estruturas orgânicas correspondentes, de acordo com suas necessidades. Se a criança irrequieta tem ao seu redor uma cor vermelha, esta produz intimamente a imagem complementar verde. A produção dessa cor verde tem efeito calmante, e os órgãos adquirem tendência à calma.

Convém levar em conta que o próprio corpo físico determina, nessa idade, o que lhe convém. Ele faz isso desenvolvendo adequadamente os apetites. De maneira geral, pode-se dizer que o corpo físico sadio requer o que lhe faz bem. Enquanto se tratar do corpo físico da criança, convém observar quais são os desejos do apetite sadio e da alegria. A alegria e o prazer são as forças que melhor plasmam as formas físicas dos órgãos.

Podemos incorrer em graves erros a esse respeito, deixando de proporcionar um entrosamento perfeito da criança com seu ambiente físico. Isso pode acontecer em particular com os instintos relativos à alimentação. Podemos abarrotar a criança com certos alimentos, a ponto de fazê-la perder totalmente os instintos sadios relativos à comida; por meio de uma alimentação correta, esses instintos podem ser mantidos de tal maneira que a criança só solicite o que lhe for conveniente (isso se aplica até a um simples copo d'água), enquanto recusa o que pode prejudicá-la. A esse respeito a Ciência Espiritual poderá fornecer todas as informações, inclusive no que se refere aos diversos alimentos, desde que seja solicitada a elaborar uma arte da educação - pois ela é um assunto realista para a vida, e não uma teoria empoeirada, embora hoje, após as aberrações de alguns teósofos, possa parecer tal coisa.

Entre os impulsos que têm efeito plasmador sobre os órgãos físicos encontramos, pois, a alegria provocada pelo ambiente e, dentro deste, os rostos alegres dos educadores, como um amor antes de tudo sincero, nunca simulado. Tal amor permeando calorosamente todo o ambiente incuba, no verdadeiro sentido da palavra, as formas dos órgãos físicos.

Quando a criança pode imitar tais exemplos sadios numa atmosfera de amor, ela se encontra em seu elemento adequado. Deve-se observar rigorosamente que ao seu redor nada ocorra que ela não deva imitar. Ninguém deveria praticar qualquer ação dizendo-lhe "Isso você não pode fazer". Quando se vê a criança rabiscar letras muito antes de compreender seu sentido, constata-se que ela procura, nessa idade, apenas imitar. Aliás, é bom que ela primeiro imite estes signos e somente mais tarde entenda seu significado. Com efeito, a tendência a imitar pertence à época em que se desenvolve o corpo físico, enquanto a interpretação do sentido diz respeito ao corpo etérico. É conveniente atuar sobre este último só depois da troca dos dentes, quando já se desprende o envoltório etérico. Todo aprendizado deveria ocorrer, nessa época, especialmente pela imitação. É ouvindo que a criança melhor aprende a falar. Quaisquer regras e qualquer instrução artificial nada podem trazer de bom.

Nesses primeiros anos da infância, meios educativos tais como, por exemplo, canções infantis devem impressionar os sentidos por seu belo ritmo. O que importa não é tanto o conteúdo, mas a beleza sonora. Quanto mais algo vivifica a visão e o ouvido, tanto melhor. Nunca se deveria subestimar a força plasmadora de movimentos de dança acompanhando o ritmo de uma música.

Com a segunda dentição, o corpo etérico se liberta de seu envoltório etérico; começa então a época em que se pode exercer sobre ele uma influência pedagógica externa. Convém ter em mente quais fatores atuam de fora sobre o corpo etérico. Sua transformação e seu desenvolvimento caminham a par com uma transformação e uma mudança das inclinações, dos hábitos, da consciência, do caráter, da memória e dos temperamentos. O que atua sobre o corpo etérico são imagens, exemplos e uma orientação disciplinada da fantasia. Assim como até os sete anos de idade a criança deve ter exemplos físicos para serem imitados, entre a troca de dentes e a puberdade seu ambiente deve conter tudo o que possa orientá-la por seu valor intrínseco e seu sentido. Isso ocorre com tudo o que atua através de imagem e por analogia. O corpo etérico desenvolve sua força quando uma fantasia bem orientada pode seguir, como modelos e ideais, as imagens e impressões extraídas da vida ou recebidas pelo ensino. O que atua harmoniosamente sobre o corpo etérico em desenvolvimento não são conceitos abstratos, mas o elemento plástico - não o sensorial, mas o espiritualmente visível. A observação espiritual é o meio educativo mais apropriado para esses anos. Daí a importância, para o jovem, de ter à sua volta mestres, personalidades cuja maneira de ver e julgar o mundo possa despertar nele as forças intelectuais e morais desejáveis. Assim como *imitação* e *exemplo* eram as palavras mágicas para a educação dos primeiros anos, para os anos ora focalizados o são a *aspiração a ideais* e a *autoridade*. A autoridade natural, não-imposta, deve constituir a evidência espiritual imediata para que o jovem forme consciência, hábitos e inclinações e discipline seu temperamento, com cujos olhos observa o mundo. Valem principalmente para essa idade as belas palavras do Poeta: "Cada um deve escolher o herói a quem pretende imitar em sua ascensão ao Olimpo". Veneração e respeito são forças que devem fazer crescer o corpo etérico de

maneira sadia. Quem não tem, nessa idade, a chance de olhar para alguém com um sentimento de ilimitada veneração, mais tarde terá de pagar por isso. Quando falta essa veneração, as forças vivas do corpo etérico se atrofiam. Imaginemos a seguinte cena e o efeito produzido por ela sobre um menino de, digamos, oito anos de idade: - Alguém lhe conta algo a respeito de uma pessoa particularmente venerável. Tudo o que ele ouve lhe incute um temor quase sagrado. Aproxima-se o dia em que ele deve ter o primeiro encontro com essa pessoa. Ao pressionar a maçaneta da porta atrás da qual deverá aparecer o ser venerável, um tremor de respeito o invade... - Os belos sentimentos gerados por semelhante experiência permanecerão entre as reminiscências mais duradouras da vida. Feliz é o adolescente que pode elevar seu olhar para o mestre e educador como autoridades naturais, e isso não apenas em alguns momentos excepcionais, mas durante toda a juventude! Além dessas autoridades vivas, verdadeiras encarnações da força moral e intelectual, deve haver as autoridades espiritualmente aceitas. O rumo espiritual do jovem deve ser determinado pelas grandes figuras da História, pela descrição de homens e mulheres modelares e não por princípios abstratos de moral, que só atuarão efetivamente depois que o corpo astral se tiver despedido de seu envoltório astral, na época da puberdade. Tais considerações devem nortear sobretudo o ensino da História. Antes da troca dos dentes, todas as histórias, contos, etc. terão como único fim trazer à criança um ambiente de alegria e riso; mais tarde as histórias deverão conter, além disso, imagens vívidas que incitem nos adolescentes o desejo de igualar os feitos descritos. Não se deve esquecer que maus hábitos podem ser combatidos por meio de imagens repugnantes apropriadas. Quando existem tais maus hábitos e inclinações, pouco adianta recorrer a admoestações. Contudo, muito pode ser feito para erradicá-los por meio de imagens realistas de homens maus que possuam os mesmos defeitos e sofram suas conseqüências negativas em sua vida posterior.

Convém ter em mente que não é de conceitos abstratos que o corpo etérico em formação recebe impulsos profundos, mas sim de imagens vívidas em sua clareza espiritual. E necessário, naturalmente, proceder com bastante tato para não provocar um efeito contraproducente. O que importa é a maneira como se contam as histórias. Por esse motivo, um conto bem narrado nunca pode ser substituído por uma leitura.

A representação espiritual e imaginativa - ou, como poderíamos também dizer, a representação simbólica - ainda tem outro campo de aplicação durante esse período entre a troca de dentes e a puberdade. E necessário que a criança acolha os segredos da natureza e as leis da vida não por meio de conceitos racionais e áridos, mas de símbolos. Analogias de relações espirituais deveriam ser apresentadas à alma de modo que os grandes princípios da existência fossem, de preferência, adivinhados e sentidos por trás da metáfora, em vez de vazados em conceitos intelectuais. "Tudo o que morre e passa é símbolo, somente."^a Essa sentença deveria constituir como que um lema para a educação nessa idade. E de suma importância que os mistérios da vida sejam apresentados ao adolescente sob forma de parábolas antes que ele os enfrente nas leis da natureza. Vejamos um exemplo:

Desejamos falar a uma criança a respeito da imortalidade da alma, de seu desprendimento do corpo. Convém recorrer, nesse caso, à analogia da borboleta que sai da crisálida. Assim como esse inseto se desprende da pupa, depois da morte a alma se separa de seu invólucro. Ninguém achará uma forma conceitual adequada a esse fato se não o tiver previamente recebido sob forma de tal imagem. Com tal analogia não se fala apenas ao intelecto, mas ao sentimento, às emoções, a toda a alma. O adolescente que passou por essas etapas preparatórias terá uma atitude mental bem diferente quando, mais tarde, abordar o fenômeno vazado em conceitos intelectuais. É muito prejudicial o fato de alguém não ter a chance de abordar os enigmas da vida primeiramente com o sentimento. E necessário, pois, que o educador tenha à sua disposição metáforas e imagens para todas as leis da natureza e todos os mistérios do Universo.

Esse exemplo mostra muito bem como a Ciência Espiritual deve fecundar a vida prática. Se alguém, imbuído de uma mentalidade materialista, fosse apresentar analogias a adolescentes, com certeza lhes causaria pouca impressão, pois teria de usar toda a sua esperteza para inventá-las. Mas tais analogias, fruto de um esforço intelectual, não convencem quem as ouve. Quando falamos a alguém sob forma de imagens, não é apenas o conteúdo da comunicação que atua sobre ele, pois de quem narra flui uma fina corrente espiritual para o ouvinte. Se quem faz a comunicação não tiver fé ardente na imagem usada, não chegará a impressionar o destinatário. Para se obter o efeito adequado, é preciso crer em suas imagens como em realidades, mas isso só é possível quando se tem uma atitude científico-espiritual e quando as próprias metáforas emanam da Ciência Espiritual. O autêntico cientista espiritual não precisa fazer um esforço específico para aceitar a metáfora da alma que se desliga do corpo, pois para ele isso constitui uma verdade: o abandono da crisálida pela borboleta significa, num nível inferior da existência, o mesmo que a separação da alma e do corpo em nível superior e sob forma evolutiva mais perfeita. Ele próprio acredita nisso com toda a

a Frase pronunciada pelo Coro Místico no final da segunda parte do *Fausto*, de Goethe. (N.T.)

sua força. E essa crença se transmite, como num fluxo misterioso, de quem fala a quem escuta, produzindo convicção. A vida flui diretamente do educador para seu discípulo, e vice-versa. Mas para haver essa vida o educador deve haurir do manancial da Ciência Espiritual, e sua palavra, assim como tudo que irradia dele, deve receber sensibilidade, calor e sutilezas de sentimento mediante autêntica atitude científico-espiritual. Dessa maneira se abre uma maravilhosa perspectiva para todo o ensino. Deixando-se fecundar pelas forças vivas da Ciência Espiritual, este ficará repleto de vida compreensiva, acabando com o tatear, tão comum nesse campo. Toda pedagogia, toda arte da educação é árida e estéril quando não recebe de tal raiz o afluxo contínuo de seivas revigorantes. Para todos os segredos do Universo a Ciência Espiritual possui as imagens apropriadas, hauridas da essência das coisas - não inventadas pelo homem, mas utilizadas pelas próprias forças cósmicas em sua atividade criadora. Por esse motivo, a Ciência Espiritual constitui a base vívida para toda a arte pedagógica.

Uma força anímica que em nossa época merece ênfase especial é a memória. Seu desenvolvimento está ligado à transformação do corpo etérico. Ora, como essa transformação conduz a uma libertação do corpo etérico entre a troca dos dentes e a puberdade, é esse o período em que se deve cuidar conscientemente do desenvolvimento da memória. Negligenciando-se essa tarefa na referida idade, a memória terá valor inferior ao que teria normalmente, pois não é possível recuperar mais tarde o que então foi descuidado.

Uma mentalidade materialista e racionalista pode causar muitos erros nesse sentido. Uma pedagogia baseada em tais critérios facilmente terá preconceitos contra uma assimilação mnemônica, opondo-se até violentamente contra todo mero treino da memória. Ela recorre aos métodos mais esdrúxulos para impedir que o jovem assimile pela memória o que *não entende*. Ora, qual é a natureza desse entendimento? O raciocínio puramente intelectual e materialista se compraz em acreditar que não se pode penetrar no âmago das coisas senão por meio de conceitos abstratos; dificilmente admitirá que, para esse fim, as outras forças anímicas sejam pelo menos tão necessárias quanto o intelecto. Não se trata apenas de uma metáfora quando afirmamos ser possível compreender algo tanto com o sentimento e as emoções quanto com o intelecto. Os conceitos são apenas um dentre vários meios que conduzem à compreensão das coisas deste mundo. E apenas à mentalidade materialista parecem ser os únicos existentes. Existem, naturalmente, muitas pessoas que não se julgam materialistas e que, mesmo assim, consideram a conceituação racional a única espécie de compreensão possível. Tais indivíduos podem professar cosmovisões idealistas ou até mesmo espiritualistas, mas no fundo da alma sua atitude é materialista, já que o intelecto não deixa de ser o instrumento para compreender o âmbito material.

Um trecho do excelente livro pedagógico de Jean Paul, já mencionado, ilustrará melhor a natureza mais profunda do ato de compreender. Essa obra, aliás, contém excelentes idéias em matéria de pedagogia, e merece ser melhor conhecida, pois sua importância para o educador ultrapassa a de muitos livros famosos. O trecho que nos interessa aqui é o seguinte:

Não tenhais medo da incompreensibilidade, até de sentenças inteiras! Vossa fisionomia, a entonação de vossa voz e o intuitivo desejo dos discípulos de compreender deixarão clara uma metade, e o tempo fará com que acabem compreendendo a segunda. Em crianças, como em chineses ou outros povos de outras línguas, a entonação já é a metade da fala; lembrai-vos de que as crianças compreendem a língua antes de falá-la, como acontece conosco em relação ao grego ou qualquer outra língua. Tende fé no papel do tempo e do contexto. Uma criança de cinco anos entende as palavras 'ora', 'com efeito', 'contudo', 'não obstante', 'decerto'; procurai dar uma explicação das mesmas não à criança, mas ao pai dela. Já na palavra 'ora' reside um pequeno filósofo. Se um menino de oito anos, com sua linguagem formada, é compreendido por outro de três anos, por que, em vossa maneira de falar-lhe, quereis descer a um balbúcio? Estejai sempre alguns anos à frente ao falar (os gênios, quando nos falam em seus livros, se nos adiantam em séculos); falai com a criança de um ano como se esta tivesse dois; e com esta como se tivesse seis, pois a diferença entre os graus de desenvolvimento decrescem na proporção inversa dos anos. Lembre-se o educador (que tende a atribuir, em escala excessiva, o mérito do aprendizado ao mestre) de que a criança já traz dentro de si a metade de seu mundo, ou seja, o espiritual (por exemplo, as idéias morais e metafísicas), e de que a linguagem que opera com imagens físicas não pode, com isso, fornecer as espirituais, mas apenas esclarecê-las. A alegria ou firmeza com que falamos às crianças deveriam existir antes de sua própria alegria ou firmeza. Podemos ensinar-lhes uma língua, mas também aprendemos deles uma linguagem cheia de neologismos ousados e ao mesmo tempo corretos – como, por exemplo, ouvir de crianças de três e quatro anos: o 'cervejista', o 'cordista', o 'garrafista' (o fabricante de barris, de cordas, de garrafas); o 'rato voador' (sem dúvida melhor do que o nosso 'morcego'); "a música toca violino"; "dar uma virada na luz" (por causa do facho de luz); "eu sou o enxergador" (atrás do telescópio); "eu queria ser contratado como comedor de broa ou broeiro"; "veja como já está no um" (no relógio), etc.

É verdade que este trecho se refere a um entendimento precedente à conceituação intelectual, e isso num campo diferente do que aqui visamos. Mas, mesmo assim, as considerações de Jean Paul sobre a linguagem aplicam-se ao nosso caso. Tal como a criança acolhe em seu organismo anímico a estrutura da linguagem sem usar suas leis lingüísticas de maneira racional, o jovem *precisa* aprender, para o cultivo de sua memória, coisas que só mais tarde compreenderá intelectualmente. Aprende-se mais facilmente a conceituar o que, nessa idade, foi assimilado apenas pela memória da mesma forma como se aprende melhor as regras de uma língua que já se sabe falar. A alegação de matéria decorada e incompreendida não passa de preconceito materialista. Basta, por sinal, que o jovem aprenda as leis elementares da multiplicação mediante alguns exemplos em que não é preciso usar máquina calculadora, e sim de preferência os dedos; depois ele deve decorar ordenadamente as tabuadas. Se procedermos assim, estaremos agindo de acordo com a natureza do ser humano em crescimento. Estaremos pecando contra essa natureza se exigirmos demais do intelecto numa época em que o que se deve cultivar é a memória. O intelecto é uma força anímica que nasce apenas com a puberdade, e sobre a qual, por isso, não seria conveniente atuar antes dessa idade. Antes da puberdade, o jovem deveria assimilar pela memória o acervo mental da humanidade; mais tarde ele poderá conceituar o que primeiro gravou na memória. O homem não deve apenas memorizar o que compreendeu, mas compreender o que aprendeu, isto é, o que memorizou, da mesma forma como a criança se apossa da língua. Isto é válido de um modo geral: primeiro vem a memorização de fatos históricos, depois sua compreensão conceitual; primeiro a gravação de fatos geográficos, depois seu inter-relacionamento, etc. Em certos aspectos, a conceituação deveria sempre haurir do que se acha armazenado na memória. Quanto mais o adolescente aprende pela memória antes de compreender conceitualmente, tanto melhor. Todavia, é oportuno lembrar expressamente que tudo isso se aplica apenas à idade aqui focalizada, e não às idades mais avançadas. Se mais tarde aprendemos algo por recuperação ou de outro modo, o caminho a seguir pode ser o inverso, embora tudo dependa da configuração intelectual do indivíduo. Contudo, no período que ora descrevemos o espírito não deve ser ressecado por excesso de conceitos puramente intelectuais.

Mas também um ensino visual excessivo apenas por meio dos sentidos corresponde a uma mentalidade materialista.^a Nessa idade, toda observação sensorial deve ser espiritualizada. Não devemos, por exemplo, limitar-nos a apresentar uma planta, uma semente, uma flor à observação meramente sensória. Todo fenômeno deve ser encarado como a manifestação de algo espiritual. Um grão de semente não se reduz ao que é visível ao olho, pois abrange, de modo invisível, toda a planta futura. Devemos usar de nossa sensibilidade, fantasia e sentimentos para compreender de forma vívida que tal objeto ultrapassa o que os sentidos nos transmitem. E preciso termos como que um pressentimento dos mistérios da existência. Não se objete que tal atitude turva a natureza da contemplação sensorial: do contrário, a verdade ficaria prejudicada se nos limitássemos exclusivamente à percepção sensorial, pois a realidade total de um objeto é constituída tanto pela matéria quanto pelo *espírito*, e uma observação fiel não precisa ser menos cuidadosa quando feita por todas as forças anímicas, e não apenas por meio dos sentidos físicos. Se os homens pudessem ver, a exemplo do ocultista, o quanto um ensino ministrado apenas por intermédio da observação sensorial faz atrofiar-se o corpo e a alma, decerto insistiria menos em tal ensino.^b Qual será a utilidade de se mostrar ao jovem minerais, plantas, animais e toda espécie de experiências físicas, se isto for aproveitado para fazer pressentir, nas metáforas, os mistérios espirituais? Certamente um indivíduo dotado de um sentido materialista não saberá o que pensar de tudo o que aqui se afirma; e isso, para o pesquisador espiritual, é muito compreensível. Mas este tampouco ignora que uma arte pedagógica realmente prática nunca pode nascer de uma mentalidade materialista. Por mais prática que se julgue, na realidade ela o é menos quando se trata de ter uma compreensão viva da vida. Diante da verdadeira realidade, a mentalidade materialista é tão cheia de fantasia e ilusão quanto *lhe* parece ser a Ciência Espiritual com suas explicações objetivas. Não há dúvida de que muitos obstáculos ainda devem ser superados até que os princípios da Ciência Espiritual, que são um fruto da vida prática, penetrem na arte pedagógica. Isso, porém, é natural, pois no momento atual essas verdades são, *necessariamente*, incomuns para muitos. Contudo, se representam mesmo a verdade, serão incorporadas à vida cultural.

Somente por meio de uma clara consciência de como as várias medidas pedagógicas atuam sobre o jovem é que o educador encontrará, com o tato necessário, a solução correta em cada caso individual. É, pois, preciso saber qual o tratamento a ser dispensado às várias forças anímicas, ou seja, ao pensar, ao sentir e ao querer, para que seu desenvolvimento tenha, por sua vez, efeito retroativo sobre o corpo etérico, enquanto este se for aperfeiçoando devido às influências

a Comentário aplicável também ao moderno ensino audiovisual, evidentemente desconhecido na época da elaboração deste livro. (N.T.)

b Em acordo com a nota precedente, esta observação é aplicável a todo ensino audiovisual. (N.T.)

exteriores recebidas entre a época da segunda dentição e a puberdade.

Quando corretamente aplicados durante os primeiros sete anos de vida, os aludidos princípios pedagógicos criam o fundamento de uma vontade sadia e vigorosa. Com efeito, tal vontade deve ter um esteio na estrutura bem desenvolvida do corpo físico. A partir da troca dos dentes, é o corpo etérico, ora em pleno desenvolvimento, que deve proporcionar ao físico as forças capazes de tornar suas formas sólidas e firmes. Aquilo que mais atua sobre o corpo etérico retroage com mais vigor sobre a firmeza do físico. Os mais fortes impulsos que se exercem sobre o corpo etérico provêm das experiências religiosas, isto é, daquelas emoções e vivências que fazem o indivíduo sentir sua posição em relação à origem do Universo. Nunca pode haver um desenvolvimento sadio da vontade e, portanto, do caráter se o homem não recebe profundos impulsos religiosos naquele período de sua vida. A organização volitiva unitária reflete a maneira como o homem se sente integrado no Cosmo. Se o homem não se sentir unido a algo divino-espiritual por meio de laços seguros, sua vontade e seu caráter permanecerão inseguros, desintegrados e doentios.

A vida sentimental desenvolve-se acertadamente por meio das metáforas e símbolos já descritos, em particular por meio de imagens de homens característicos, extraídos da História ou de outras fontes. A vida dos sentimentos aperfeiçoa-se também quando o jovem se aprofunda nos mistérios e nas belezas da natureza. O importante é cultivar o sentido do belo e despertar a sensibilidade artística. O elemento musical comunicará ao corpo etérico aquele ritmo que o capacitará a sentir o ritmo oculto em todas as coisas. Muito faltará ao jovem, em toda a sua vida futura, se ficar privado, nessa época, do cultivo tão benéfico de sua sensibilidade musical. Se esse sentido lhe faltasse completamente, certos aspectos do Universo lhe ficariam totalmente ocultos. Isso não significa que as outras artes devam ser negligenciadas. O despertar da sensibilidade para formas estilísticas na arquitetura, para figuras plásticas, para o contorno, para o desenho e a harmonia das cores - nada disso deveria faltar no plano de ensino. Tudo poderia ser realizado de maneira muito simples, de acordo com as circunstâncias, mas nunca se deveria objetar que as circunstâncias nada permitem nesse sentido. Muito pode ser feito mesmo com os recursos mais limitados, desde que o educador tenha o sentido correto a esse respeito. A alegria de viver, o amor pela existência, a força para o labor, tudo isso nasce do sentido estético e artístico. Quanto esse sentido enobrece e embeleza as relações entre os homens! O sentimento moral criado nesses anos pelas imagens da vida e pelas autoridades exemplares adquire sua segurança quando, pelo sentido estético, o bom é percebido como belo, o mau como feio.

O pensar, com sua estruturação própria, como vida interior dentro de conceitos abstratos, ainda deve ficar, nessa época da vida, em segundo plano. Deve desenvolver-se como que espontaneamente, sem estímulos externos, enquanto a alma assimila as metáforas e imagens da vida e dos mistérios da natureza. É dessa maneira que o intelecto deve desenvolver-se entre os sete anos de idade e a puberdade, em meio a outras experiências anímicas: o juízo deve amadurecer de modo que o indivíduo esteja capaz de formar, depois da puberdade e com plena independência, sua opinião acerca dos fatos da vida e da ciência. Quanto menor a influência prévia exercida sobre o juízo, e quanto melhor exercida indiretamente pelo desenvolvimento de outras forças anímicas, mais benéfica será sobre toda a vida posterior.

A Ciência Espiritual constitui uma base apropriada não somente para o lado espiritual da educação, mas também para o físico. Mencionemos, a título de exemplo característico, a ginástica e os jogos juvenis. Assim como o amor e a alegria devem permear o ambiente dos primeiros anos de vida, o corpo etérico, ora em pleno desenvolvimento, deve vivenciar em si próprio, pelos exercícios físicos, a sensação do crescimento e de seu vigor sempre maior. Os exercícios de ginástica devem ser tais que o adolescente sinta dentro de si, a cada movimento, a cada passo, uma força crescente. Tal sensação deveria dominar a vida interior com um prazer sadio e um bem-estar. Para se conceberem exercícios desse tipo, é preciso algo mais do que um conhecimento anatômico, e fisiológico meramente intelectual do corpo humano. É necessário ter consciência íntima e intuitiva de como certos movimentos e posições do corpo acarretam uma sensação de bem-estar. Quem inventa tais exercícios deve ser capaz de vivenciar pessoalmente a sensação de conforto e vigor que determinado movimento ou posição dos membros lhe proporciona, enquanto outros lhe causam uma perda de força, etc. Para poder cultivar, nesse sentido, a ginástica e os exercícios físicos, o educador deve possuir o que somente a Ciência Espiritual e, sobretudo, uma mentalidade espiritual podem proporcionar-lhe. Não que para isso seja necessária a própria visão dos mundos espirituais; basta querer aplicar na vida o que decorre da Ciência Espiritual. Se os resultados dessa ciência fossem aplicados em domínios práticos como a pedagogia, logo cessariam as objeções fúteis segundo as quais tais resultados deveriam primeiro ser comprovados. Quem os aplicar corretamente comprovará, pela própria vida, que eles o tornarão saudável e forte. Sua verdade ficará comprovada e, por esse fato, melhor do que por meio de todos os argumentos 'lógicos' e supostamente 'científicos'. Reconhecem-se melhor as verdades espirituais por seus frutos, e não por uma prova pretensamente científica que, na realidade, não passa de escaramuça lógica.

O corpo astral só nasce com a puberdade. Com seu livre desenvolvimento para o exterior, pela

primeira vez vem ao encontro do ser humano tudo o que aperfeiçoa as representações abstratas, o juízo e o intelecto autônomo. Já dissemos que essas faculdades anímicas devem desenvolver-se até então sem qualquer influência, dentro da correta aplicação das demais medidas pedagógicas, da mesma maneira como os olhos e os ouvidos devem desenvolver-se sem influência dentro do organismo materno. Com a puberdade, chega o momento em que o homem também está maduro para formar pessoalmente um juízo sobre o que aprendeu no passado. Não se pode causar a alguém um prejuízo maior do que ao se lhe despertar prematuramente seu próprio juízo. Só se pode julgar depois de ter acumulado matéria para juízo e comparação. Se, antes disso, alguém forma juízos autônomos, estes carecem de fundamento. Erros pedagógicos cometidos nesse sentido são a causa de toda a unilateralidade e de todos os ‘dogmas’ estéreis que, esteados em algumas migalhas da ciência, pretendem sobrepor-se às experiências mentais da humanidade, corroboradas através de longos períodos. Para se ter maturidade mental é preciso primeiro ter adquirido o respeito pelo que os outros já pensaram. Não há pensar sadio que não tenha sido precedido por um senso de verdade baseado no indiscutível respeito à autoridade. Se esse princípio pedagógico fosse seguido, não se veriam jovens que muito cedo se consideram bastante maduros para emitir juízos, tirando a oportunidade para que a vida atue multilateral e imparcialmente sobre eles. Todo julgamento que não esteja alicerçado num fundamento anímico apropriado joga pedras no caminho de quem o emite. Quem faz um juízo sobre qualquer assunto é sempre influenciado por ele, sendo impedido de aceitar uma experiência da forma como a teria aceito se não tivesse logo formado uma opinião a seu respeito. O adolescente *deve* ter a tendência a primeiro aprender para depois julgar. O intelecto só deveria opinar sobre qualquer assunto depois de terem falado todas as outras forças anímicas; antes disso, ele deveria desempenhar apenas um papel mediador. O intelecto só deveria servir para captar e assimilar livremente o que o indivíduo viu e sentiu, sem que o juízo imaturo logo se apoderasse do assunto. Por esse motivo, seria indicado poupar ao jovem todas as teorias antes da idade mencionada, ressaltando-se a importância do fato de ele enfrentar as experiências da vida para acolhê-las em sua alma. O adolescente pode, evidentemente, familiarizar-se com o que outros opinaram a respeito disso ou daquilo, mas convém impedir que se engaje numa opinião por meio de um juízo prematuro. Ele deveria aceitar tais opiniões com o sentimento e escutar o que um ou outro disse a respeito de algo, sem logo tomar partido. Para cultivar essa atitude, mestres e educadores devem, naturalmente, dar prova de muito tato, mas é justamente a mentalidade científico-espiritual que pode gerar esse tato.

Só podemos desenvolver aqui uns poucos critérios para uma educação segundo a Ciência Espiritual. Nossa intenção era apenas apontar a tarefa cultural que essa ciência tem para realizar. Sua capacidade de fazê-lo dependerá da compreensão que encontrar em círculos sempre mais amplos. Para que isso possa acontecer, existem duas condições: em primeiro lugar, é necessário que se abandonem os preconceitos existentes em relação à Ciência Espiritual. Quem a estuda seriamente verá logo que não se trata daquela coisa fantástica, como muitos ainda hoje a vêem. Não lhes será feita aqui censura alguma, pois tudo o que serve aos meios culturais de nossa época deve produzir, à primeira vista, a opinião de que os cientistas espirituais são fantasistas e sonhadores. Uma observação superficial simplesmente não permite chegar a outro juízo, pois parece reinar a discrepância mais absoluta entre a Antroposofia, que se manifesta como Ciência Espiritual, e tudo o que a formação de nossa época proporciona ao homem como base de uma concepção sadia da vida. Revela-se apenas, a uma observação mais profunda, quão cheias de contradições as opiniões atuais devem ficar enquanto carecem do fundamento da Ciência Espiritual, e como essas teorias exigem esse fundamento, não podendo prescindir dele.

O segundo ponto está relacionado com uma evolução sadia da própria Ciência Espiritual. A Antroposofia encontrará uma aceitação compreensiva desde que os próprios círculos antroposóficos se compenetrem da necessidade de tornar suas doutrinas fecundas em todas as situações da vida, em vez de apenas emitir teorias a seu respeito. Caso contrário, o mundo continuará a ver na Antroposofia uma espécie de sectarismo religioso praticado por uns curiosos visionários. Mas se ela se dedicar a uma atividade espiritual útil e positiva, não será negado por muito tempo, ao movimento antroposófico, um consentimento compreensivo.

Notas complementares

1. Não se deve compreender essa frase no sentido de que a Ciência Espiritual pretenda dedicar-se apenas aos problemas mais gerais da vida. A verdade é que ela se julga capacitada a fornecer as bases das soluções desses problemas; mas também é verdade que ela pode constituir para

qualquer pessoa, seja qual for a posição que ocupe na vida, a fonte em que ela pode encontrar respostas aos problemas mais corriqueiros, consolo, força e confiança na vida e no trabalho. Ela pode constituir uma ajuda não só para os grandes problemas da existência, mas também para as necessidades mais imediatas do momento, nas situações aparentemente mais insignificantes da vida cotidiana.

2. O leitor encontrará esses artigos em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores (A iniciação)*. [Edição brasileira em tradução de Erika Reimann (3ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1991).]
3. Convém insistir nisso, pois reina atualmente grande confusão sobre esse assunto. Muitas pessoas não compreendem a diferença entre a planta e um ser sensível, porque lhes escapa o sentido exato da *sensação*. O fato de um ser ou um objeto reagir a um impulso exterior ainda não justifica afirmar que ele seja capaz de sentir esse impulso. Essa alegação estaria correta se tal ser vivenciasse o impulso dentro de si; em outras palavras, se ocorresse uma espécie de reflexão interior, do impulso exterior. Os grandes progressos da Ciência Natural, objeto de admiração por parte do pesquisador esotérico, trouxeram alguma confusão quanto a certos conceitos mais amplos. Alguns biólogos não sabem o que é realmente a sensibilidade, atribuindo-a a seres que não a possuem. O que eles entendem por 'sensação' pode, com razão, ser atribuído também a seres insensíveis; mas o que a Ciência Espiritual entende por sensação é coisa totalmente diferente.
4. É preciso fazermos uma distinção entre a *vivência* do corpo das sensações *dentro de nós próprios* e a percepção desse corpo pelo vidente treinado. Estamos-nos referindo ao que se revela à visão espiritual deste último.
5. Que o leitor não esteja chocado pelo uso da palavra 'corpo do eu'. Isso nada significa, naturalmente, de material. É possível, porém, usar na Ciência Espiritual os termos da linguagem comum. Como estes são normalmente usados para designar coisas materiais, ao usá-los na Ciência Espiritual devemos primeiro transportá-los a esse âmbito.
6. O exposto não estaria claramente compreendido se alguém objetasse que a criança possui memória, etc. antes da segunda dentição, e as aptidões relacionadas com o corpo astral antes da puberdade. Lembremo-nos de que tanto o corpo etérico como o astral existem desde o início, embora encobertos por um envoltório protetor. É precisamente este último que permite ao corpo etérico aparentar as qualidades da memória de um modo todo especial antes da troca dos dentes. Na realidade, os olhos físicos existem também no embrião, sob o envoltório protetor da mãe. Assim como a luz solar exterior não deve atuar sobre esses olhos protegidos, tampouco a pedagogia exterior deveria atuar sobre a formação da memória antes da troca dos dentes. Observamos, ao contrário, que a memória se desenvolve espontaneamente nessa época, bastando, para tal, dar-lhe um alimento correto em vez de forçar seu desenvolvimento por meio de influências exteriores. O mesmo se dá, antes da puberdade, com as forças vinculadas ao corpo astral. Estas devem ser alimentadas, mas sempre devemos levar em conta que o corpo astral ainda se acha dentro de um envoltório protetor. Uma coisa é atuar antes da puberdade sobre as disposições para o futuro desenvolvimento, as quais já existem no corpo astral; outra é expor o corpo astral, depois da puberdade, às influências do mundo exterior, as quais, nessa altura, podem ser assimiladas sem que exista proteção. Essa diferença é, decerto, sutil; mas sem dar-lhe ênfase não se pode compreender a essência da educação.